

**A Rádio Mauá e a Rádio do Serviço de Recreação Operária: Memórias  
Reveladas por José Messias da Cunha.**

**Juliana Pedreschi Rodrigues<sup>1</sup>**

**Ana Claudia Mendes Sousa<sup>2</sup>**

**Resumo**

Este artigo apresenta uma versão da história do Serviço de Recreação Operária, o SRO, ainda pouco conhecida entre os acadêmicos que pesquisam esse tema. Ele aborda a origem da Rádio Mauá, criada no antigo Estado da Guanabara, a relação dessa rádio com o SRO, com base na entrevista do compositor, maestro e atual apresentador de programa de entretenimento da televisão brasileira, o Sr. Jose Messias da Cunha, que foi, por dez anos, o diretor de programação da rádio do SRO. Ainda, descreve, as principais atividades dessa rádio e importantes passagens envolvendo artistas e programações e projetos voltados para o operariado brasileiro.

**Palavras-chave:** Recreação Operária. Memória Social. Rádio difusão.

**Introdução**

Em conjunto com o lançamento da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), é criado, ao final do Estado novo, um serviço especializado na difusão de atividades recreativas e culturais para o operariado. Através da Portaria Governamental de n. 68 datada de 06 de setembro de 1943, é instituído no Brasil, no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio,

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos do Lazer da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – GIEL e docente do curso de Gestão em Turismo das Faculdades Integradas de Ribeirão Pires.

<sup>2</sup> Mestre em Administração, Bacharel em Turismo, coordenadora e docente do curso de Gestão em Turismo das Faculdades Integradas de Ribeirão Pires.

junto à Comissão do Imposto Sindical, o Serviço de Recreação Operária, conhecido como SRO, órgão presidido por Dr. Arnaldo Lopes Sussekind de 23 de maio de 1944 a 1949 e de fevereiro de 1951 a dezembro de 1953 e pelo professor Vinícius Ruas Ferreira da Silva entre os anos de 1958 e 1964.

Esse serviço funcionava junto à Comissão Técnica do Imposto Sindical, a C.T.O.S., sendo superintendido por um Conselho Central, composto por três membros, sendo um representante do Ministério do Trabalho, um da C.T.O.S. e um representante das entidades sindicais de empregados. Coube a esse Serviço, durante seus vinte um anos de existência, cuidar da recreação operária através da realização de atividades nos setores cultural, esportivo e de escotismo em todo o território nacional. (SUSSEKIND, 1946, p.9)

Mesmo sem abordar a existência da Rádio do SRO, diversas publicações acadêmicas estudaram o Serviço de Recreação Operária dando maior destaque às atividades desenvolvidas e descritas nos relatórios oficiais da instituição desenvolvidos por Dr. Sussekind entre os anos de 1946 e 1953<sup>3</sup>.

Dentre os principais estudos sobre o SRO destaca-se o primeiro deles, desenvolvido por Acácio Ferreira, **Lazer Operário: um estudo de organização social das cidades**, publicado em 1959, que discute a importância e o significado do lazer nas sociedades industrializadas e em desenvolvimento. Ferreira cita em sua obra o relatório elaborado por Arnaldo Lopes Sussekind, “Trabalho e Recreação” chamando a atenção para a aplicação de 60 mil questionários entre os trabalhadores, através dos sindicatos brasileiros, com o intuito de descobrir as preferências desses trabalhadores e de sua família “concernentes a atividades culturais e desportivas” (FERREIRA, 1959, p.87-88).

Já em **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**, publicado em 1988, Lino Castellani Filho aborda o SRO de maneira diferente, apresentando a instituição à luz de uma entrevista realizada com o Professor Vinicius Ruas Ferreira da Silva, docente e diretor do SRO entre os anos de 1958 e 1964, na qual Ruas relata toda a sua experiência durante o período em que esteve no comando desse serviço. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 160-161).

Entre os artigos, dissertações de mestrado e teses encontram-se vários estudos de

---

<sup>3</sup> Dentre os relatórios oficiais constam: Trabalho e Recreação de 1946, Manual da I Olimpíada Operária de 1947, Recreação Operária de 1948 e Manual de Recreação: (orientação dos lazeres do trabalhador) de 1952.

Elza Margarida de Mendonça Peixoto. A autora, juntamente com os estudos de Maria de Fátima Rodrigues Pereira, no artigo de 2007, intitulado, **“Primeiro ciclo dos estudos do lazer no Brasil: contexto histórico, temáticas e problemáticas”**, faz um amplo levantamento do estado da arte na produção de estudo sobre o lazer no Brasil, nos anos de 1891 e 2006. Nesse artigo, as autoras afirmam que estudos elaborados nos anos de 1940, por Arnaldo Sussekind, que, segundo elas, pode ser considerado como um “intelectual orgânico dos interesses burgueses hegemônicos na ocasião, que sua intenções [...] defendem o direito ao repouso remunerado tutelado [...] e revelam que o projeto de Vargas visava, [...] às condições de modernização e industrialização do país na década de 40”, análise que corrobora também com os outros estudos. (PEIXOTO, 2007, p. 9)

Já no artigo, **“O Serviço de Recreação Operária e o projeto de conformação da classe operário no Brasil”**, Peixoto (2008) faz uma análise do SRO na década de 1940, com base em entrevista concedida por Sussekind em 2003<sup>4</sup>, em fragmentos do relatório Trabalho e Recreação de 1946 e em dois outros livros publicados pelo entrevistado, obras que são referências para os estudos jurídicos, um do ano de 1950, intitulado, “Duração do trabalho e repouso remunerados”, e outro, “Convenções da OIT”, publicado em 1994.

Angela Bretas é outra pesquisadora que vem se dedicando a pesquisas sobre a vida o SRO que publicou diversos artigos tendo o SRO como tema, além de sua tese de doutorado, **“Nem só de pão vive o homem: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária (1943-1945)”**, em 2007. De maneira geral, pode-se notar no estudo de Brêtas (2007) aspectos da cultura popular do período estudado e a relação desses aspectos com a proposta do SRO, proposta esta encontrada apenas nos primeiro relatórios elaborados por Sussekind. Seus estudos privilegiam, também, esse período, não avançando para as décadas posteriores e temas como o da rádio operária.

Outros importantes estudos que abordaram a importância das atividades físicas e esportivas no Estado Novo são as dissertações de mestrado de Magali Alonso Lima, **“O corpo no espaço e no tempo”** de 1980 e **“Ser forte para fazer a nação forte”**, de Sonia de Deus Rodrigues Bercito de 1991. Ambas desenvolvem discussões acerca do papel da educação física e do corpo, durante o Estado Novo e fazem referência ao Serviço de Recreação Operária, como instituição responsável pela concretização do projeto nacionalista

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida à Revista Prática Jurídica, Editora Consulex, Ano III, n.30, p.6-9, de 30 de setembro de 2004, com o título: A chave do sucesso: Arnaldo Sussekind.

de Vargas, que previa uma “nova nação” e um “novo homem” configurado na imagem de um trabalhador saudável e produtivo.

Dentre todas as pesquisas encontradas sobre o SRO, pode-se considerar a da professora Christianne Luce Gomes, como a que reúne o maior número de informações sobre o SRO. Nas últimas décadas, Gomes escreveu diversos artigos sobre a atuação do SRO na década de 1940, alguns em parceria com outros autores, além de sua Tese: **“Significados de Recreação e Lazer no Brasil: Reflexões a partir da Análise de Experiências Institucionais (1926-1964)”**, de 2003. Nesse estudo a autora analisa três experiências pioneiras institucionais no âmbito das políticas públicas, ocorridas entre os anos de 1926 e 1964. Ela aborda o Serviço de Recreação Operária pontuando que, na década de 1930, o trabalho produtivo foi a matriz de pensamento que possibilitou a construção dos valores que conduziram as ações do Estado e faz um detalhado levantamento do primeiro período dessa instituição com base nos documentos oficiais elaborados por Dr. Arnaldo Sussekind e em evidências apresentadas por outros autores.

Nota-se que, apesar do Serviço de Recreação Operária ter sido objeto de investigação de pesquisadores de diversas áreas como história, educação e em especial, educação física, estudos interessados em conhecer a trajetória da recreação operária no Brasil, todos apresentam apenas aprofundamentos sobre os dez primeiros anos dessa instituição não contemplando as gestões pós os anos de 1954 e, em especial, temas e atividades desenvolvidas pela Rádio do Serviço de Recreação Operária.

### **A Rádio do Serviço de Recreação Operária**

Nas dependências do edifício do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, localizado no antigo Estado da Guanabara, foi criado sob o controle do Departamento de Imprensa e Propaganda, ainda no Estado Novo, um importante veículo de diversão para a população brasileira naquele período, a Rádio Mauá.

Segundo Gomes (1988) a Rádio Mauá, intitulada pelos ideólogos do regime varguista como “A Emissora do Trabalhador”, além de oferecer entretenimento aos brasileiros, foi um eficiente instrumento utilizado pelo Ministro do Trabalho Indústria e

Comércio, Alexandre Marcondes Filho, para a divulgação semanal, às quintas feiras, das novas medidas governamentais relacionadas à legislação social trabalhista.

Em geral, todas as novidades referentes à criação e alterações nas leis que regiam o mundo do trabalho eram anunciadas para todo o território nacional via rádio que, era reconhecido, naquele período, como veículo de divertimento das camadas mais pobres da população brasileira.

Sobre a participação do Ministro do Trabalho na programação da Rádio Mauá, Amado (1944), alinhada aos interesses do Estado Novo, afirma que, a intenção era difundir a legislação trabalhista em uma linguagem clara e simples que despertasse a atenção e o interesse do trabalhador para as ações do Estado. Sobre essa intenção a autora afirma ainda que,

O aparecimento da Rádio Mauá marca uma época, dentro da difusão nacional, porque assinala um acontecimento que prestigia sobremodo a missão do rádio entre nós. Servindo ao trabalhador brasileiro, levando-lhe onde quer que se encontre instrução e divertimento; divulgando-lhe acontecimentos, idéias; cooperando para o incremento do espírito sindical; difundindo-lhe os benefícios da legislação social; estimulando-o e incentivando-o a revelar as vocações artísticas; esclarecendo-o sobre os problemas de sua existência profissional. (AMADO, 1944 apud CALABRE, 2003, p. 175)

Após o final do Estado Novo e até meados dos anos cinquenta a Rádio Mauá prossegue com suas atividades voltadas ao trabalhador, mas com uma programação menos direta e sem a participação do Estado em informativos, mas com programas de variedades, que contemplavam novelas, programação infantil e apresentações musicais de auditório.

**A Rádio do SRO e o relato de seu diretor de programação: José Messias da Cunha**

Segundo o relato do diretor de programação da Rádio Mauá, o Sr. José Messias da Cunha<sup>5</sup>, dois terços da programação da rádio eram de responsabilidade do órgão responsável pela recreação dos trabalhadores brasileiros, o SRO.

Produtor de rádio e televisão, compositor, crítico musical e atualmente apresentador de programas de entretenimento da televisão, o Sr. Messias, nasceu em Bom Jardim de Minas, interior de Minas Gerais, no ano de 1928 e chegou à cidade do Rio de Janeiro no final dos anos quarenta, mesmo período em que conheceu o compositor Herivelto Martins, que o indicou, anos depois, para trabalhar em um dos departamentos do Serviço de Recreação Operária, na direção de programação da rádio. (MESSIAS, 2008, p. 13).

Perguntado sobre os caminhos que o levaram para a direção do setor de programação da rádio no Serviço de Recreação Operária do Ministério do Trabalho, o Sr. José Messias respondeu que,

[...] o Ministro do Trabalho na época em que eu ingressei para a rádio do SRO, em 1954, era o João Goulart, o Jango. E ele tinha ligações com um jornalista muito querido e respeitado no Rio de Janeiro, que era o chefe da sala de imprensa de seu gabinete e eu era do grupo desse jornalista chamado José Gomes Talarico, que me convidou para trabalhar lá.

Entre lembranças da época, ele prossegue sua narrativa afirmando que,

[...] o SRO como tudo que tinha relação com o trabalhador no Brasil, tinha relação com o Getúlio Vargas e para mim, falar de Jango é falar de Getúlio Vargas. Na campanha presidencial do JK, o Jango era candidato a vice e um grupo de artista ajudou muito o Jango nessa campanha vitoriosa. Dentre os artistas desse grupo estava o Herivelto Martins, esposo da Dalva de Oliveira, foi ele que arregimentou todos os demais artistas para colocar ao lado do José Gomes Talarico e conseqüentemente ao lado de Jango na campanha nacional para a presidência do Brasil.

---

<sup>5</sup> A entrevista de José Messias da Cunha, que faz parte da tese de doutorado intitulada - O Serviço de Recreação Operária: memórias reveladas sobre os anos de 1958-1966, foi concedida em setembro de 2009 na cidade de São Paulo.



FIGURA 1- Grande Otelo e José Messias. 1958.  
(Acervo pessoal de José Messias)

O Sr. José Messias conta que em 1954, o músico Herivelto Martins, que também era um funcionário do SRO na rádio, apresentou-lhe para o Grande Otelo, para as irmãs Batista, Dirce e Linda Batista, ao Black-out, que era um cantor de carnaval e que foi um sujeito muito importante na reeleição de Getúlio Vargas em 1951. Sobre essa passagem Messias lembra que,

[...] a música, chamada General da Banda, o maior sucesso da época, que tinha uma frase muito forte que dizia: catuca por baixo que ele cai, a intenção dessa frase era dizer que se “catucasse” por baixo o Presidente Dutra cairia e o Getúlio Vargas voltaria. Porque na verdade quem elegeu o Dutra foi o presidente Getúlio Vargas com apenas um comentário dado a imprensa, dizendo que o candidato dele era o Dutra e que ele seria um excelente presidente. Então quando o Dutra era presidente o Black-out gravou essa música e isso foi uma grande força para a campanha do Getúlio em 1951. Na campanha seguinte, uma vez o Jango vitorioso como vice-presidente do JK, o José Gomes Talarico juntou novamente o grupo dele, do qual fazia parte eu, o Herivelto, o Grande Otelo, o Black-out e ele nos



VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

convidou para somar em um importante projeto do Jango, chamado a “Rádio do Serviço de Recreação Operária do Ministério do Trabalho”.



FIGURA 2- Da esquerda para a direita: Black-out, Emilinha Borba, José Messias e Grande Otelo em 1956. (Acervo pessoal de José Messias)

Segundo Messias, todos esses artistas eram funcionários, com carteira assinada e marcavam “o ponto” todos os dias lá no SRO. Messias era um subordinado da “Tia Alícia”, conhecida atriz de cinema, nos anos cinquenta, da antiga Companhia Cinematográfica Atlântida, Alícia Magno e que, diariamente atendia e agendava os pedidos dos sindicatos que solicitavam programações culturais para suas entidades, além de ser o secretário do Herivelto Martins e do Grande Otelo, que se tornou o meu principal parceiro na rádio. Sobre esse período Messias recorda que,

[...] o Herivelto Martins me ajudava muito, eu aprendi a fazer música com ele, aprendi a fazer letras e poesia com o compositor e jornalista brasileiro David Nasser. Eu tive nesse período excelentes professores, então com isso, com a minha entrada no SRO, abriu-se a grande porta para mim, realmente fui um operário que foi para a Rádio Mauá fazer programas, aprender e praticar esse ofício. Na Rádio Mauá, eu fui responsável somente pela programação do departamento do SRO dentro da rádio, que ocupava vários horários da programação durante todo dia.





FIGURA 3- Grande Otelo interpretando a “Oração ao trabalhador negro” no auditório do SRO em 1962. (Acervo pessoal de Vinicius Ruas)

Devido ao seu prestígio entre importantes músicos do período, como Dalva de Oliveira, a Emilinha Borba, Cesar de Alencar, Messias era incumbido de fazer todos os contatos, a programação semanal da rádio e a agenda de apresentações que ocorriam nas entidades sindicais, nos núcleos de recreação operária e até mesmo da Praça Tiradentes, área central da Guanabara próxima da estação de trem Central do Brasil e das Barcas que fazem até os dias de hoje a travessia entre Rio de Janeiro e a cidade de Niterói.

[...] e eu levava todos os famosos e não famosos que eu podia, para fazer shows nos sindicatos, organizava tudo e ia aos com eles, foi nesse período que eu me revelei com apresentador de auditório.

[...] Como era um pouco difícil, por falta de agenda, levar as grandes atrações, eu fazia o seguinte, corria atrás dos artistas, para que o show durasse em média uma hora e meia, eu convidava os novos que na época estavam começando suas carreiras, ainda sem muitas oportunidades e participando de programas de calouros. [...] entre esses “artistas novos” estavam a Wanderléia, o Roberto Carlos, o Altamar Dutra, Jair Rodrigues, o

VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Erasmus Carlos e muitos outros que se tornaram os sucessores daqueles grandes ícones do rádio dos anos quarenta e cinquenta”.

[...] Quantas vezes o Roberto Carlos esteve na rádio e nos eventos núcleos do SRO, algumas vezes até me acompanhando, ele tocava e eu cantava nos shows do Serviço de Recreação Operária. Isso ocorreu durante o governo JK e praticamente até o final do governo do Jango. Eu posso dizer que durante todo esse período eu tive sempre muita atenção com os artistas mais simples e novos.

Messias ainda faz revelações sobre a existência de um projeto da rádio do SRO, elaborado por ele no ano de 1963, que nunca se realizou,

[...] o FENATRA, Festival Nacional do Trabalhador, o nosso desejo participando do Serviço de Recreação Operária, era criar novos “Ataufos e Herivelto”, entre as pessoas humildes vindas do meio operário e, depois, levar elas para o meio artístico profissional. Na época já existia os festivais universitários que atendia mais as pessoas da elite e as levavam para o grande rádio que era o veículo mais importante de comunicação da época. No Festival Nacional do Trabalhador, participaria somente artistas amadores e do meio operário, compositores e músicos profissionais estariam vetados, a competição ocorreria nos sindicatos em todos os estados do país e a grande final seria em um dia primeiro de maio, no Estádio do Maracanã.

Ainda segundo Messias, a Rádio Mauá tinha o seu auditório sempre aberto para o operariado e para novos artistas, havendo, naquela época, uma grande abertura para os mais humildes, fato que diferenciava a Rádio Mauá da famosa *Rádio Nacional*, que era, segundo ele, “o chique do chique, um espaço da elite, não aberto para o povo mais simples”.

Ele afirma que entre os artistas nomeados para a Rádio do SRO, ele e o Grande Otelo, foram os que efetivamente trabalharam diariamente e que permaneceram no SRO por mais tempo e conta que,

[...] Em um dado momento o Herivelto transfere-se para um outro setor do Ministério do Trabalho, para a fiscalização, mas sempre que podia nos ajudava, ia lá no SRO fazer shows com o Trio de Ouro, com o Raul Sampaio e Noemi Cavalcante. Já o Grande Otelo foi responsável por toda área que dependia da atenção rádio-teatro ele estava presente, ajudando nos ensaios, dirigindo as peças, orientado na formação de atores operários e até encaminhando alguns deles para trabalhar no teatro profissional.

Sobre esse fato Cabral (2007) em **Grande Otelo**: uma biografia – descreve diversas passagens da vida artística de Grande Otelo incluindo episódios do seu trabalho no Serviço de Recreação Operária e registros sobre a atuação do ator, nesse período, na elaboração do anteprojeto que regulamentou a profissão de ator e no projeto que criaria o “Teatro do Trabalhador” no próprio Ministério do Trabalho.

Com a extinção do SRO, Grande Otelo continuou no Ministério do Trabalho, depois foi removido para um outro setor, até a sua exoneração do serviço público no ano de 1968. Já Messias, depois do Golpe militar e de sua saída do SRO, passou a trabalhar na Rádio Nacional.

Emocionado e muito saudoso de suas atividades daquele período, Messias considera que a rádio do SRO foi um importante veículo para o lazer do operário. Ele encerra seu depoimento com a seguinte fala:

[...] ainda hoje eu acho que o Ministério do Trabalho deveria ter um programa chamado Serviço de Recreação Operária, em um desses canais do governo, seria um espaço aberto para lançar novos talentos, em todas as áreas da arte, todos vindos do meio dos trabalhadores, pois até hoje o trabalhador é carente de recreação e de atividades que contribuam para o seu desenvolvimento cultural [...].

### **Considerações finais**

Com a emergência do Golpe de Estado de 31 de março de 1964, o Serviço de Recreação Operária é extinto, logo nas primeiras semanas do mês de abril. As atividades da rádio do SRO também são encerradas, todos os funcionários da rádio foram dispensados, assim como todos os funcionários dos núcleos e centros de recreação existentes no Distrito Federal e em outros estados do país.

Tal qual em sua origem, a partir desse período, a rádio retorna a função exclusiva de difundir a ideologia do Estado, como no Estado Novo, não cabendo no novo contexto o padrão de atividades anteriormente desenvolvidas por José Messias e sua equipe.

Com a mudança integral dos departamentos do Ministério do Trabalho, para a nova capital, Brasília, o auditório da rádio é definitivamente fechado para o público. A Rádio Mauá prossegue com suas atividades remodeladas até meados da década de 1970, ocasião em que encerra suas atividades trocando de frequência com a Rádio Nacional.

Espera-se que as reflexões apresentadas nesse estudo, baseado em memórias inéditas de quem protagonizou a história da rádio do SRO, que permaneceram guardadas por muito tempo, possam de alguma forma incentivar novas pesquisas sobre a importância da Rádio Mauá e sobre a relação dela com o Serviço de Recreação Operária, contribuindo com o aprofundamento dos estudos sobre a recreação operária no Brasil.

## **Bibliografia**

BERCITO, S. de D. R. **Ser Forte para Fazer a Nação Forte**. 1991. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1991.

BRETAS, A. **Nem só de pão vive o homem: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária (1943-1945)**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, 2007.

CABRAL, S. **Grande Otelo: uma biografia**. São Paulo: Editora 34, 2007.

CALABRE, L. **Políticas Públicas Culturais de 1924 a 1945: o rádio em destaque**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 31, 2003, p. 161-181.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.

FERREIRA, A. **O Lazer Operário: um estudo de organização social das cidades**. Salvador: Livraria Progresso, 1959.

GOMES, A. M. C. **A Invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: IUPERJ/Vértice, 1988.

GOMES, C. L. **Significados de Lazer e Recreação no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964)**. 2003. Tese de Doutorado (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

LIMA, M. A. L. **O Corpo no Espaço e no Tempo: A Educação Física no Estado Novo (1937-1945)**. 1981. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro.

MESSIAS, J. **Sob a luz das estrelas: somos uma soma de pessoas**. São Paulo: Madras, 2008.

PEIXOTO, Elza. **O serviço de recreação operária e o projeto de conformação da classe operária no Brasil.** *Pro-Prosições* [online]. 2008, vol.19, n.1, pp. 115-140. ISSN 0103-7307. doi: 10.1590/S0103-73072008000100015.

PEIXOTO, E; PEREIRA, M. F. R.. “**Primeiro Ciclo dos Estudos do Lazer no Brasil: contexto histórico, temáticas e problemáticas**”. In: VIII Jornada do HISTDBR, 2008, São Carlos. Sociedade, Estado e Educação: um balanço do Século XX e perspectivas para o Século XXI. Campina/São Carlos: HISTEDBR UNICAMP UFSCAR, 2007.

SUSSEKIND, A. “A chave do sucesso: Arnaldo Sussekind – um cidadão ilustre”. (Entrevista) **Revista Prática Jurídica, Brasília**, a. 3, n. 30, 30 set. 2004.

SUSSEKIND, A. **Manual da I Olimpíada Operária.** Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1947.

SUSSEKIND, A. **Recreação Operária.** Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1948.

SUSSEKIND, A. **Trabalho e Recreação.** Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, 1946.

SUSSEKIND, A.; MARINHO, Inezil Penna; GÓES, Oswaldo. **Manual de Recreação: (orientação dos lazeres do trabalhador).** Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; Serviço de Recreação e Assistência Cultural, 1952.